

## EDITORIAL DE HOMENAGEM A HERBERT BARUCCI RAVAGNANI

*Por Eloísa Benvenuto de Andrade*

Neste número dedicado ao nosso amigo Herbert Barucci Ravagnani, fazemos das palavras de Eloísa as palavras de todo Corpo Editorial.

\* \* \*

Na maioria das vezes, um editorial busca oferecer uma opinião livre da exigência de imparcialidade e da obrigação de uma escrita objetiva para que possa, enfim, expressar algo a respeito de um assunto qualquer ou sobre uma personalidade significativa. Ele – o editorial – deve ainda deixar de lado o cunho informativo habitual de um texto para expressar-se de forma “segura” sobre um tema, e, para isso, a empiria é deixada de lado na intenção de ressaltar o caráter opinativo. O que emerge disso é um texto assinado coletivamente e não individualmente. Em nosso caso, seria a “Revista Kínesis”.

Entretanto, este editorial, embora cumpra as funções acima, não necessariamente faz jus ao caminho habitual e tampouco se limita a uma opinião. Ele também intenciona uma despedida, um último agradecimento por uma história encerrada tão abruptamente em janeiro último. Uma história breve, mas composta por fatos significativos, que merecem sistematização e concretude, para que, enfim, tornem-se, de fato, “história”.

Em 18 de janeiro, a comunidade acadêmica da FFC – Unesp de Marília, especialmente a “Filosofia”, foi acordada com uma trágica notícia: nosso estimado colega, ex-aluno e ex-professor dessa Unidade, tivera sua vida encerrada num acidente de carro numa rodovia de Goiás. Consternados, aos poucos, digerimos a notícia com pesar, e lamentamos. Todavia, a aspiração filosófica não nos isenta do convite à reflexão feito nessa ocasião: o que é a vida? O que é o trágico? O que é um instante?

Tentarei responder a primeira pergunta; evidentemente, não de maneira geral. Buscarei, contrariando o caráter coletivo do editorial, responder em primeira pessoa a esta indagação, mostrando um pouco do que era a “vida” desse nosso colega aqui da FFC; expondo vivências conjuntas, oportunidades que dizem muito sobre o caráter, ideologia e “estilo” do nosso amigo, mas que também evidenciam a potência que, pelo menos em matéria, se perdeu. Desse modo, evidenciados esses acontecimentos,

:

pretende-se também expressar a “necessidade” de um editorial para o nosso saudoso colega.

Em 2004, chegamos à Unesp de Marília para cursar Filosofia. Nos sete anos que se sucederam, tempo em que cursamos a graduação e a pós-graduação, destaco, sem dissociação política e acadêmica, a importante atuação de nosso colega junto à comunidade acadêmica e a liderança corajosa e perspicaz em vários momentos importantes para a Universidade e para o nosso curso. Herbert agiu diretamente para a refundação do Centro Acadêmico de Filosofia - do qual fez parte duas gestões - e a retomada da representação sistemática discente no Conselho de Curso - no qual foi representante. Contribuiu ainda no Departamento de Filosofia - onde representou o corpo discente - e também no Conselho da Pós-Graduação em Filosofia, no qual foi representante das alunas e dos alunos de nossa Unidade.

Nestas instâncias, Herbert esteve à frente da luta pela semestralização do curso de Filosofia, pela confecção de um “estatuto” para o TCC, pela contratação de professores, pela reformulação da grade do nosso curso, com a inserção de optativas e não de “optatórias”; pela regularização da opção entre bacharelado e licenciatura para que os estudantes tivessem alguma orientação para efetuarem suas escolhas; e pela luta de isenção da taxa em eventos científicos e culturais realizados na faculdade, permitindo maior acesso às discussões científicas. Pela construção da Universidade em que acreditamos, nosso amigo se engajou ainda na luta contra a presença, então eminente, da polícia militar no campus, em 2007, mesmo ano em que participou ativamente da resistência aos “decretos Serra” e seguiu na luta contra a criminalização do movimento estudantil.

Se hoje podemos contar com a infraestrutura e serviço do Restaurante Universitário, é porque Herbert também se engajou na luta pela sua construção, cuja reivindicação, no período em que estivemos aqui, era pauta dos estudantes em pelo menos duas ocupações da direção da unidade. Herbert foi também fundador desta revista de pesquisa, na pós-graduação em Filosofia. Na luta pelo retorno de atividades importantes, foi articulador e, posteriormente, organizador do III Encontro de Pós-Graduação em Filosofia e dos Encontros de Pesquisa na Graduação em Filosofia da Unesp, que hoje está em sua VIII edição anual. Expressando sua concepção de estudante, de cidadão, de jovem, de vida, não menos importante, participou ainda da organização do campeonato de futebol "Taça sintética a priori dos estudantes de Filosofia". Na ocasião, nossa sala, o então segundo ano de Filosofia, teve baixo

aproveitamento e o time ficou conhecido como “Gênio Maligno”. Em uma quadra antes totalmente danificada, Herbert foi o goleiro oficial de muitos jogos de futebol.

Embora a separação entre a atuação necessariamente política e a especificamente acadêmica não estivesse no horizonte de suas ações, destaco como atuação acadêmica na Filosofia, o fato de que Herbert era um grande leitor de Nietzsche. Entretanto, concentrou suas pesquisas em Habermas, Honneth e Hegel para se empenhar na questão sobre a fundamentação dos direitos humanos, a subjetividade moderna, o conflito e reconhecimento. Foi bolsista Fapesp na graduação e no mestrado, trabalhos de pesquisa que resultaram no seu TCC “Conflito e reconhecimento: uma nova forma à Teoria Crítica”, defendido em 2007 para obtenção do título de Bacharel em Filosofia. Em 2010, defendeu a dissertação do mestrado, intitulada “Conflito, reconhecimento e justiça: uma nova forma à Teoria Crítica” (Cf. [http://www.marilia.unesp.br/Home/Pos-Graduacao/Filosofia/Dissertacoes/ravagnani\\_hb\\_me\\_mar.pdf](http://www.marilia.unesp.br/Home/Pos-Graduacao/Filosofia/Dissertacoes/ravagnani_hb_me_mar.pdf)). Foi membro fundador do grupo de pesquisa “Filosofia Contemporânea: Habermas”, liderado pela Prof. Dra. Clélia Aparecida Martins, sua orientadora desde a graduação até o mestrado.

Como sua amiga, sei que esboçava um projeto de tese de doutorado a partir de suas leituras de Foucault e Heidegger. Entretanto, como era apaixonado por “filosofia”, atualmente, Herbert dedicava-se ao estudo da passagem da Idade Medieval para a Moderna. Motivado pelos cursos que ministrava – por sua atuação como professor substituto de Filosofia na Unesp e, depois, em regime de dedicação exclusiva no Instituto Federal de Goiás – estudava, em seus últimos dias, a releitura de Galileu, Copérnico e de grandes comentadores desta temática. Talvez, influenciado por nossa “formação de Marília”, interessava-se muito por “filosofia da ciência”.

Em janeiro último, quando nos encontramos pela última vez numa livraria em São Paulo, ele titubeava entre adquirir a “Minima Moralia” do Adorno (essência da sua formação original, a teoria crítica) e um clássico comentário sobre a Filosofia Medieval. Optou pelo último, o que não demonstrava, em absoluto, menosprezo pelo primeiro. Sem dúvida, Herbert amava a Filosofia e era entusiasmado com a escolha “profissional” que fez. Nessa ocasião da livraria, perguntou-me: “*Elô, você pretende deixar a Filosofia um dia?*”. Ele mesmo respondeu de imediato: “*Eu não...*”. Ele lia de tudo, e, minuciosamente, estruturava e fichava suas leituras. E também escrevia.

Deixou alguns fragmentos de pensamentos próprios, derivados de sua formação e suas recentes leituras. Embora ele tivesse sistematizado estes pensamentos como um “diário”, certamente sua qualidade denuncia um possível “pensamento próprio”, cujo

tempo não permitiu que se desenvolvesse. É evidente nesses “esboços filosóficos” do nosso colega, um apreço pela cosmologia, pela metafísica e por uma crítica à moral que se pretendia política. Em seu diário, ele destacou: “[...] de fato, o significado e importância da atuação do homem tem, em última instância, a medida da compreensão do Universo... o Universo é o homem... e a medida “universal” da nobreza é a atuação de acordo com a justa compreensão da sua constituição.. não querer mais nem menos.. aceitar o fluxo.. aceitar a “entropia”, ou o ritmo da ordem para a desordem.. saber que o caminho do homem é o caminho do Universo, mas poder com isso não transplantar banalmente a vida do cosmos para a vida do homem..[...]”.

Em outro trecho, Herbert elabora: “[...] Aceitar a ideia da eticidade des-substancializada, a ideia da materialidade, da existência puramente mundana, nua e crua, significaria o caminho mais “lógico”, mais “racional”, eu estaria “certo” daquele algo “fundamental”. Teria problemas, aqui e ali, mas estaria no fluxo, me moveria pelo solo já dado da modernidade. Continuará um movimento já devidamente aceito. Possivelmente encontraria uma comunidade “substancial” em que me realizaria. Talvez não, mas esse problema seria mais circunstancial. Teria coisas palpáveis para me certificar de mim mesmo. Por outro lado, a consciência de que o mundo estaria mesmo “morto” – dado como “objeto” – e, portanto, dado como “nada”, seria insuportável a mim. É necessário confessar. Neste caso toda a vivência seria nada mais que procura por entorpecimento, ou seja, esquecimento. Ora, o fundo existencial em que me movo, o qual constitui o que sou, mas que nem mesmo posso saber, seria neste caso “trauma”, “dor”, alguma coisa em última instância que não posso compreender – coisa material, política, “social”... toda a psicologia freudiana valendo... não se trata simplesmente de se perceber finito... a experiência radical da modernidade não é simplesmente a experiência medieval da mística cristã que, percebendo-se o indivíduo finito, procura a Deus... a experiência radical da modernidade se expressa na quebra e impossibilidade da cosmovisão “sujeito-objeto”... a própria ciência parece estar neste caminho, o “homem” moderno de fato já está faz tempo... ou seja, esta experiência talvez remeta mais à passagem do olhar mitológico ao olhar conceitual [...]”.

Por hora, não farei comentário algum a respeito dos escritos do Herbert. Isso será feito com o tempo. Como enunciei de início, este é um editorial de agradecimento e despedida que pretende, mesmo de forma bem sucinta, mostrar um pouco os motivos pelos quais nosso colega falecido tão subitamente merece ser homenageado com esse

número da Revista *Kínesis*. Merece pelo fato de que sempre foi um estudante dedicado, apaixonado pelo que escolheu estudar; foi sempre um militante engajado e comprometido com os ideais de esquerda, no sentido *stricto sensu* desta palavra, que, acredito, significa estar imbuído de solidariedade, compromissado com a luta pela justiça e pela democracia, embora não tivesse filiação política partidária. Merece por ter sido um profissional zeloso e comprometido como aluno e com seus alunos e com as instituições nas quais lecionou. Um colega cativante, solidário, preocupado, interessado.

Neste sentido, em nome de toda a comunidade acadêmica da Unesp, especialmente a Filosofia, me dirijo à sua vida que não se foi, que é agora história e que está aí, e agradeço por sua breve, inspiradora e talentosa vida<sup>1</sup>.

Como sua amiga de tantos anos, permitam-me como Montaigne, em seu ensaio sobre a “amizade”, no qual lamenta a morte de La Boétie, e elogia a amizade como uma experiência calcada numa profunda ligação intelectual e afetiva com o “outro” – experiência em que as almas, as relações e familiaridades “se misturam e se confundem em uma mescla tão total que apagam e não mais encontram a costura que as uniu” - citar Catulo, embora tomada do mesmo lamento que este filósofo renascentista: “Não poderei mais falar-te ou ouvir-te? Nunca mais te verei, então, irmão mais caro do que a vida! Ah, ao menos, amar-te-ei sempre!”.

---

<sup>1</sup> No dia 16 de maio de 2013 durante o VIII Encontro de Pesquisa na Graduação em Filosofia da UNESP foi colocada uma placa, entre os prédios do Departamento de Filosofia e o de Pós-Graduação da Unesp-Marília, em homenagem ao nosso colega, com os dizeres: “ À Herbert Barucci Ravagnani, estudante e professor de Filosofia (2004-2011). Em memória de sua breve, inspiradora e talentosa vida. De sua companheira, colegas, amigos, alunos, familiares e professores. Marília, 07 de fevereiro de 2013”. O dia 07 de 2013 foi o dia em que sua esposa, Karina P. Ferraro, plantou a muda de “ipê”, árvore que abriga a placa, e também o dia em que o Herbert faria 27 anos.